



VOZ DA FÁTIMA

Chamados ao Encontro

EDITORIAL

Um retrato espiritual da Irmã Lúcia

Padre Carlos Cabecinhas

No dia em que a Igreja celebrava Nossa Senhora do Carmo, o Superior Geral dos Carmelitas Descalços, Frei Miguel Maria Márquez, enviou a toda a Ordem uma carta sobre a figura da “Irmã Lúcia de Jesus, um caminho de luz”. Por esse motivo, volto a falar da Irmã Lúcia, para dar a conhecer esta bela carta, que começa com um breve apontamento biográfico, depois do qual Frei Miguel Maria Márquez apresenta os traços distintivos da espiritualidade desta extraordinária carmelita que foi a Irmã Lúcia. Trata-se de um retrato espiritual da Irmã Lúcia que vale a pena conhecer.

O primeiro aspeto do caminho espiritual da Irmã Lúcia referido pela carta é a sua devoção ao Coração Imaculado de Maria, que foi efetivamente o seu refúgio e o seu caminho, conforme a promessa de Nossa Senhora na aparição de junho na Cova da Iria. É aliás significativo que o seu nome de consagrada, no Carmelo, fosse Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado.

Um outro traço distintivo da sua espiritualidade é a devoção à Eucaristia. Desde a experiência marcante da sua primeira comunhão, anos antes das aparições, até ao fim da sua vida, a Irmã Lúcia foi aprofundando sempre a sua relação única com Jesus-Eucaristia, procurando torna-se “sacrário vivo” da presença eucarística do Senhor.

Também a virtude da obediência marca profundamente o seu itinerário espiritual. Neste aspeto, como em tantos outros, a sua “mestra” é Maria. O Preósito Geral dos Carmelitas Descalços destaca igualmente o tema da unidade na espiritualidade de Lúcia, que “leva a unidade gravada no seu coração” e que a tem sempre como “uma das grandes intenções da sua oração”. Esta unidade manifesta-se na união com o Papa e com a Igreja, assim como na constante preocupação com a unidade na sua comunidade e na Ordem Carmelita, a que pertencia. Outra virtude que brilha no testemunho da Irmã Lúcia é o da humildade: “Sempre amou o escondimento da sua vida de carmelita, dedicando-se às tarefas simples da casa... Viveu, como carmelita, durante 57 anos, uma vida simples e laboriosa, sacrificada e escondida...”

A sua missão recebeu-a de Nossa Senhora, que lhe disse, na aparição de 13 de junho de 1917: “Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração”. Cumpriu a sua missão de forma exemplar, quer tornando-se a grande transmissora da mensagem de Nossa Senhora, em Fátima, quer pelo testemunho da sua vida.

O Superior Geral dos Carmelitas Descalços termina a carta com um convite a propósito da Irmã Lúcia, que deixo também a todos os leitores da *Voz da Fátima*: “Convido-vos a rezar pelo seu processo de beatificação e canonização... Entretanto, façamos da nossa vida uma lâmpada acesa para o bem da Igreja e do mundo”.

Viagem ao universo luminoso de Lúcia

Tema central do Curso de Verão e objeto de renovado interesse com a reabertura da casa onde nasceu e viveu a infância, Lúcia de Jesus tem lugar de destaque nesta edição da Voz da Fátima.

Patrícia Duarte

Um ano após a leitura pública das virtudes heroicas da Irmã Lúcia, que sedimentam o processo da sua beatificação, aquela que será a maior figura do catolicismo português no século XX volta a ser objeto de destaque no jornal *Voz da Fátima*.

A sua vida é demasiado cheia e rica para caber numa edição. No entanto, o tema deste ano dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima, a entrevista às irmãs do Carmelo que com ela privaram e a reabertura da casa onde nasceu e viveu até aos 14 anos permitiram trazer a este número da *Voz da Fátima* informação menos conhecida.

O que propomos ao longo das próximas páginas é uma peregrinação ao universo de Lúcia, antes e depois de os fiéis a reconhecerem como “irmã”. É uma viagem surpreendente ao interior luminoso de uma mulher que vimos quase sempre vestida de escuro e cuja vida de clausura tantos associam a escuridão.

No Curso de Verão foram muitas as janelas que se abriram sobre o percurso de Lúcia. A que revelou os seus dotes de escritora quando parecia condenada ao analfabetismo; a de religiosa influente quando se pensava que estivesse alheada do mundo e fora do tempo; a



de mulher luminosa, cujo consolo e oração centenas e centenas de cristãos procuraram, por carta, ao longo dos anos.

Também no contexto do Curso de Verão, duas irmãs do Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, partilharam um quotidiano vivido com aquela que, enquanto carme-

lita, adotou o nome de Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado.

A entrevista, conduzida por Marco Daniel Duarte, diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, tocou questões profundas como a capacidade de presença e de empatia que Lúcia conseguiu desenvolver, bem como aspetos mais comezinhos — e não menos interessantes — como o gosto por batatas fritas.

O Curso de Verão ofereceu ainda o contexto ideal para a reabertura da Casa da Lúcia, na aldeia de Aljustrel, a dois quilómetros de Fátima. Nesse espaço, agora recuperado e com uma nova museologia, peregrinos e visitantes vão encontrar não a doroteia nem a carmelita, mas a Lúcia da infância. Nas páginas centrais deste jornal, é proposta uma visita a esse espaço de intimidade familiar que, após as Aparições, se tornou destino de peregrinação para cristãos de todos os pontos, primeiramente do país e, depois, do mundo.

Na rubrica “A Voz do Peregrino” foram recolhidos testemunhos de quem visitou a Casa da Lúcia e na seção “Fátima ao Pormenor” destaca-se a Ordem dos Carmelitas Descalços, em que ingressou aos 41 anos.

“Não podemos sonegar Lúcia à história da Humanidade”

A edição deste ano dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima fez incidir luz sobre muitos aspetos da vida de Lúcia de Jesus, a mais velha dos Três Pastorinhos. Permitiu desfazer equívocos, um dos quais o de que foi uma mulher alheada do mundo e fora do seu tempo.

Patrícia Duarte

Lúcia foi a figura central da 9.ª edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima, que decorreu entre 3 e 5 de julho, no Centro Pastoral de Paulo VI. Investigadores e académicos de vários domínios do saber trouxeram a uma plateia composta por mais de 150 pessoas uma figura incontornável da Igreja em Portugal no decurso do século XX.

Ao longo de três dias, sob o mote “De criança anónima a figura maior do catolicismo contemporâneo”, a mais velha dos Três Pastorinhos foi estudada nas diferentes fases e nas várias dimensões dos seus 97 anos de vida.

“No recolhimento da vida religiosa contemplativa, correspondeu-se com figuras poderosas e conhecidas, bem como com pessoas anónimas de todo o mundo. Influenciou Papas, mas marcou igualmente o povo cristão que lhe atribuiu desde cedo fama de santidade”, afirmou o reitor do Santuário de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, na sessão de abertura da formação.

Fazer incidir o curso exclusivamente sobre a biografia da vidente de Fátima seria redutor senão mesmo impossível. “A história de Lúcia não é só a sua história, é também a história de uma comunidade”, referiu Marco Daniel Duarte, diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima



ma e coordenador dos Cursos de Verão.

A vida de Lúcia faz-se de pensamento e de ação, que é preciso conhecer e interpretar pelo impacto que tiveram no mundo. “A sua biografia transcende a sua morte”, referiu a investigadora Sónia Vazão na aula que dinamizou. O efeito de todos os seus escritos foi inegável no passado, desde logo no processo de canonização de Francisco e Jacinta e na construção da imagem da Virgem Maria que foi chamada a cancelar.

No presente, o que deixou escrito continua a ter um impacto inestimável na vida de milhões de pessoas, em todos os cantos do mundo. O que diria hoje Maria Rosa,

sua mãe, se visse no que se transformou o universo de Fátima? No último dia em que mãe e filha estiveram juntas, em outubro de 1934, aquando dos votos perpétuos de Lúcia, esta perguntou à mãe se já acreditava nas Aparições, ao que Maria Rosa respondeu: “Ó filha, eu não sei! Parece-me uma coisa tão grande!”.

O poder que vem da escrita

Lúcia é uma mulher de força. Essa ideia atravessou várias unidades letivas do Curso de Verão. Desde os 10 anos, resistiu a interrogatórios, aguentou calúnias, suportou a exposição mediática, sobreviveu à instrumentalização e

não sucumbiu perante a dúvida de muitos, até mesmo da mãe, que nunca terá abandonado a hipótese de a filha ter mentido.

A vida de Lúcia derruba ideias feitas e preconceitos. Pelo contexto geográfico e social em que nasceu, parecia condenada ao analfabetismo e, no entanto, transformou-se numa autora prolífera. Foi, no seu tempo, uma das mulheres que mais escreveu no país. Esse dado, por ser extraordinário, mereceu destaque em vários momentos do Curso de Verão. Escreveu muito, à mão e à máquina. Há registo de cerca de onze mil documentos e de cerca de duas mil páginas do diário pessoal. Empenhou-se na escrita até

idade avançada. A quinta e sexta Memórias foram redigidas a pedido do reitor do Santuário de Fátima, Luciano Guerra, já Lúcia tinha passado dos 80 anos.

A sua escrita não foi apenas religiosa. Foi muito além disso. “É muito importante termos esta consciência, porque não podemos sonegar Lúcia à história da Humanidade, ela não faz apenas parte da história religiosa de uma comunidade, ela faz parte de uma história maior”, sublinhou Marco Daniel Duarte na conferência que dedicou aos escritos da vidente.

Mesmo em clausura, revelou-se sempre muito atenta à política do seu tempo, tanto nacional como internacional, e interveniente.

É esta postura que levou o investigador André Melícias a reforçar a ideia de que “o grande poder de Lúcia residia na gestão da palavra”. Todas as suas intervenções deixavam entrever uma mulher que não estava alheada do mundo, mas com clara noção do que se passava do outro lado dos muros da clausura em que vivia.

“O que não se estava à espera é que Lúcia fosse protagonista e quisesse intervir na História a partir da escrita”, acrescentou Marco Daniel Duarte. Quando via que o mundo não estava a tomar o melhor rumo, es-

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 45.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redação: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Fotografia: Arquivo do Santuário de Fátima
Revisão: André Pereira e Carla Abreu Vaz
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone: 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: press@fatima.pt | www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, 161 | 3020-430 Coimbra

crevia a quem entendia, até mesmo ao Papa.

A legitimidade para o fazer considerava que lhe era dada pelo Céu: a Senhora disse aos Pastorinhos que deviam aprender a ler. Porém, ler e escrever eram símbolos de autoridade, acessíveis apenas a quem tinha poder. À luz dos cânones da época, acresce que uma mulher instruída não era bem aceite. Ao intervir através da escrita, Lúcia ultrapassou várias barreiras, não apenas as religiosas, mas também as da sociedade que olhava para as mulheres letradas como um “aleijão moral”, recordou Marco Daniel Duarte.

Mulher luminosa

O retrato do mundo Lúcia construía-o também por via da correspondência com cidadãos anónimos. No Carmelo de Coimbra recebia centenas e centenas de cartas a que, na maior parte dos casos, respondia. Excetuavam-se as que se destinavam a afrontar e a agredir.

Quem lhe escrevia esperava “uma palavra, um conselho, um conforto, um bálsamo para as dores, um saber que era recordado na oração junto de Deus e da Virgem Maria”, realçou Ângela Coelho, religiosa e superiora geral da Aliança de Santa Maria e vice-postuladora da causa de canonização da Irmã Lúcia.

Ao longo da vida, Lúcia vai sendo esta mulher luminosa que ilumina o caminho dos outros, mesmo querendo ser “uma pedra escondida” como chegou a assumir. Em 1942, estava então no Instituto de Santa Doroteia, soube que em Fátima se viviam as celebrações dos 25 anos do 13 de maio. Quando lhe perguntaram se sentia saudades do que os peregrinos estavam a viver na Cova da Iria, assumiu que sim, mas acrescentou: “Não faz mal. Eu fico contente de ser uma pedra escondida nos alicerces do triunfo do Coração Imaculado de Maria”.

Ângela Coelho contrapôs: “Ela pode querer ser uma pedra escondida, mas é pedra, é

rocha, é segura, é serena, perseverante, esplendidamente, com uma grande tenacidade. Creio que mais do que pedra, Deus fez dela uma coluna neste templo que é a Mensagem de Fátima, é inamovível no que se refere à transmissão do que lhe é pedido”.

Em clausura, Lúcia foi consultada e visitada por um manancial de figuras ilustres onde se incluem Papas e outros dignitários da Igreja, nacionais e estrangeiros.

Se era pouco usual ver uma mulher no papel de conselheira, uma mulher conselheira em clausura era muito pouco frequente, sobretudo porque, como recordou Marco Daniel Duarte, “a religião que atua junto às sarjetas, visível na figura da Madre Teresa de Calcutá, por exemplo, é aceite pela consciência coletiva do século XXI. A religião que está dentro de muros de clausura não é aceite”.

Porém, quem tinha noção da força e da influência de Lúcia não estranhou, no momento da sua morte, a presença de milhares de cidadãos no Carmelo de Coimbra para dela se despedirem. Fizeram-no utilizando os mesmos sinais que utilizavam para venerar a Virgem Maria na Cova da Iria: lenços brancos e o Ave de Fátima.

“Na morte desta mulher, qualquer coisa tocou Portugal” foram as palavras do patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, naquela ocasião, que Ângela Coelho recuperou na sessão que orientou. “Estamos comovidos. Não tanto porque ela morreu, mas porque hoje, entre Fátima e o Céu, uma nova ponte se estabeleceu”, afirmou ainda o patriarca.

“Abram os olhos”

Ao longo do Curso de Verão foram muitos os momentos partilhados da vida de Lúcia que expuseram o seu sentido de humor e o seu espírito livre.

Entre os vários episódios relatados está um que envolveu as irmãs do Carmelo em que estas lhe diziam: “Irmã Lúcia, quando Nossa Senhora vier

por aí, chame por nós”. Ela respondeu natural e espontaneamente, dando uma risadinha: “Pois sim, quando eu vos for chamar já ela se foi embora”. E as irmãs insistiram: “Vá lá, Irmã Lúcia, quando Nossa Senhora aparecer, diga-nos”, ao que ela retorquiu: “Abram os olhos”.

Outros episódios partilhados revelaram o seu espírito livre perante os que não acreditavam ou duvidavam. Reagia dizendo: “Isso não tem a mínima importância. Toda a gente é livre em acreditar ou não acreditar”.

O Curso de Verão teve o condão de se constituir como laboratório de exploração de uma figura complexa e controversa, sem ceder à tentação de julgamentos e sem deixar de mencionar os que contestam e ridicularizam a experiência das três crianças de Aljustrel. Foram muitos, desde 1917 até aos dias de hoje, como ilustra um artigo publicado, já este ano, na revista *Marie Claire* no qual se conta que “Nossa Senhora aparece a três meninos ignorantes, brutos, analfabetos, num lugar sem história, entre árvores secas e montes lavrados”.

Independentemente do rumo que o processo de beatificação tomar, para a generalidade dos cristãos, Lúcia há muito que enverga o manto da santidade. É o que prova a primeira carta que recebeu, aos 10 anos, ainda em Aljustrel, de um soldado português em França, durante a Primeira Guerra Mundial, trazida à colação por Marco Daniel Duarte. Pedia-lhe que intercedesse por ele e por todos os filhos de Portugal que se encontravam naquele ambiente de guerra. Já então, Lúcia era lâmpada que ardia e iluminava o caminho dos outros.

Quase 20 anos depois da sua morte, a luz não esmoreceu e a missão que tomou para si, lembrada por Ângela Coelho, permanece intacta: “Quero que a minha vida seja um rasto de luz que brilha no caminho dos meus irmãos, indicando-lhes a fé, a esperança e a caridade”.

Os anos de LÚCIA DE JESUS

1907 | 28 de março

Lúcia de Jesus nasce em Aljustrel, Fátima.

1916

Com os seus primos Francisco e Jacinta Marto vê, por três vezes, um Anjo.

1917

Ao longo deste ano, relata ter visto seis vezes a Virgem Maria, novamente com os seus primos Francisco e Jacinta, na Cova da Iria e nos Valinhos.

1921

Entra no Asilo de Vilar, no Porto, sob direção das Irmãs Doroteias.

1925

Em Pontevedra, na Galiza, inicia a formação religiosa na Congregação das Irmãs de Santa Doroteia.

1926

Lúcia toma o hábito de noviça na Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, em Tuy, com o nome de Maria das Dores.

1946

Regressa a Portugal, ficando a residir no Colégio do Sardão, no Porto. Neste ano, visita: Cova da Iria, Loca do Cabeço, Valinhos, Igreja Paroquial e Aljustrel.

1948

Lúcia ingressa no Carmelo de Santa Teresa, no Penedo da Saudade, em Coimbra.

1949

Faz a profissão religiosa de votos perpétuos, no Carmelo de Santa Teresa, com o nome de Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado.

1967

Desloca-se a Fátima para participar na celebração do Cinquentenário das Aparições e encontra-se com o Papa Paulo VI.

1982

Encontra-se com o Papa João Paulo II, em Fátima, no decorrer da primeira peregrinação deste pontífice ao Santuário da Cova da Iria.

1991

Volta a encontrar-se com o Papa João Paulo II no decorrer da segunda peregrinação deste pontífice ao Santuário de Fátima.

2000

Encontra-se novamente com o Papa João Paulo II, em Fátima, no decorrer da terceira peregrinação deste pontífice a Fátima e no dia em que foram beatificados Francisco e Jacinta Marto e foi revelada publicamente a terceira parte do Segredo de Fátima.

2005

Morre no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, onde é sepultada.

2006

Os seus restos mortais são trasladados para a Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no Santuário de Fátima.

2008

É aberto o processo de beatificação e canonização de Lúcia, autorizado pelo Papa Bento XVI.

2023

É promulgado o decreto que reconhece as virtudes heroicas de Irmã Lúcia de Jesus. A partir deste momento torna-se Venerável.

A VOZ DO PEREGRINO

A experiência da peregrinação a Fátima contada na primeira pessoa



A Voz da Fátima recolhe, este mês, o testemunho de peregrinos que visitaram a Casa da Irmã Lúcia, em Aljustrel, já depois da sua reabertura e com um novo projeto museográfico.

João Duarte Mendonça

“É incrível ver o sítio onde a Lúcia cresceu”

Sempre gostei de aprender sobre História, para ver o contexto em que vivem as pessoas. É incrível ver o sítio onde a Lúcia cresceu, até porque isso nos ajuda a enquadrar aquilo que dela conhecemos num local. O crucifixo que está na sala remete para uma história engraçada do jogo de verdade ou consequência daquela altura. A visita à Casa da Lúcia permite conhecer um pouco mais do quotidiano dos Pastorinhos. Permite entender melhor como viviam e como é que ultrapassavam as suas dificuldades. É curioso ver a forma como a Lúcia evoluiu e partilhou a Mensagem de Fátima, ainda que por vezes sentisse medo das situações e do contexto à sua volta. Isso é algo que me interessa. Procurar passar por situações difíceis que nos são apresentadas mantendo a confiança na vontade de Deus é algo que nos possibilita entender melhor o que é a santidade.

“Lúcia ensina-nos a perspetivarmo-nos como sacrários vivos”

Achei muito interessante ver pagelas na Casa da Irmã Lúcia, ainda que não sejam as originais daquele tempo. As pagelas do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria talvez representem devoções mais praticadas à época. Foi bonito ver que isto transcorre desde uma época bastante diferente da atual. Esse detalhe na casa torna a Irmã Lúcia muito humana e parecida connosco, com as mesmas devoções que continuamos a ter na atualidade. Para mim, Lúcia de Jesus representa, além da Mensagem de Fátima, a essência do cristianismo, no sentido de reenquadrar a maneira como fazemos apostolado uns com os outros. Lúcia ensina-nos a concetualizarmo-nos e a perspetivarmo-nos como sacrários vivos, chamados a irradiar a presença e a luz de Cristo para com os que nos rodeiam.

“Lembrei-me de um santo do século XX que dizia que a quase totalidade da vocação dos filhos vinha dos pais”

Na visita houve duas coisas que me marcaram. Por um lado, o crucifixo e, por outro, uma das projeções nas paredes, sobre rezarem o terço juntos perto da hora da ceia. Vi muita beleza nisso e lembrei-me de um santo do século XX que dizia que a quase totalidade da vocação dos filhos vinha dos pais. Ver como os pais conseguiam criar um ambiente católico e a simplicidade com que o faziam, levando a que os filhos crescessem em amor a Deus, marcou-me muito. Lúcia mostra-nos que a vida cristã talvez não tenha mudado muito desde há 100 anos; é claro que mudaram os meios, mudaram as casas, mudou muita coisa, mas não mudou o sentido da vida cristã. Ao visitar esta casa vejo que nos pode ensinar muito, na época atual, sobre como é que podemos viver uns com os outros de forma cristã.

“Sinto paz e muita gratidão a Deus ao conhecer melhor este lugar”

Esta é a primeira vez que visito Fátima e a Casa de Lúcia. Sinto paz e muita gratidão a Deus ao conhecer melhor este lugar. Sou grata por poder visitar esta casa. Entrar na Casa de Lúcia é estar mais perto do que foi vivido nos relatos das Aparições, que constituem uma linda história de fé. A partir de Lúcia, uma mulher tão virtuosa, acredito que podemos entender melhor como é possível viver, através da oração, uma vida mais espiritual, pois acredito que a oração — à qual podemos recorrer todos os dias, horas e minutos — é uma possibilidade permanente que temos para nos reconectarmos com Deus.

“Acredito que Lúcia nos pode ajudar a crescer enquanto humanidade”

Estar em Fátima e visitar a Casa de Lúcia, onde a Lúcia cresceu, evoca em mim sentimentos de paz e fé. Creio que é importante conhecer melhor a Irmã Lúcia, pois tenho certeza de que ela nos poderia aconselhar sobre como é que, com base na religião, poderíamos crescer como sociedade, nos dias que correm, em que observamos tantos avanços na ciência e na tecnologia, mas, ao mesmo tempo, há tantos retrocessos por via de guerras e conflitos. Nestes dias e neste tempo acredito que Lúcia nos pode ajudar a crescer enquanto humanidade.



PEDRO SILVA
Lisboa



MARIA INÊS LOPES
Lisboa



NUNO ESTEVES
Lisboa



TAINÁ E RAILSON
Recife, Brasil

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

D. Benedetto Aloisi Masella (1879-1970)

D. Benedetto Aloisi Masella esteve na Cova da Iria uma única vez, num dos momentos mais simbólicos da História de Fátima.

Diogo Carvalho Alves



Foi na qualidade de enviado do Papa Pio XII que o cardeal Benedetto Aloisi Masella veio a Fátima, a 13 de maio de 1946, para coroar solenemente a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

“Naquele dia 13 de Maio de 1946, repetia-se, agora pelo Chefe Supremo da Igreja, o gesto significativo de 300 anos antes, quando o rei de Portugal, D. João IV, proclamou e coroou Nossa Senhora

da Conceição como Rainha e Padroeira de Portugal”, lê-se na edição deste jornal de 13 de maio de 1986, por ocasião do 40.º aniversário de “um dos momentos mais solenes de toda a história do Santuário”, qualifica o autor do artigo de primeira página, monsenhor Luciano Guerra, então reitor.

A notícia da coroação mereceu, naturalmente, destaque de capa na edição de

junho de 1946, onde é publicado o “texto oficial da mensagem do Santo Padre Pio XII, por motivo da coroação da imagem de Nossa Senhora da Fátima”, ilustrado com uma foto do momento em que o cardeal Masella recebe a coroa com a qual viria a coroar a Imagem.

Na segunda página da mesma edição, onde é publicada a “carta credencial do Santo Padre a nomear o senhor cardeal Masella como seu legado a Fátima”, é referida a “assinada devoção à Mãe de Deus” do prelado — que havia recebido o cardinalato três meses antes — como motivo para esta representação pontifícia em tão solene momento da história de Fátima.

Nascido a 29 de junho de 1879, D. Benedetto Aloisi Masella foi, ainda enquanto bispo, núncio apostólico no Chile e no Brasil, entre 1919 e 1946. Já cardeal, este protagonista de Fátima viria a ser eleito prefeito da Sagrada Congregação para a Disciplina dos Sacramentos, em 1954, e camerlengo da Igreja Católica entre 1958 e a data da sua morte, a 30 de setembro de 1970.

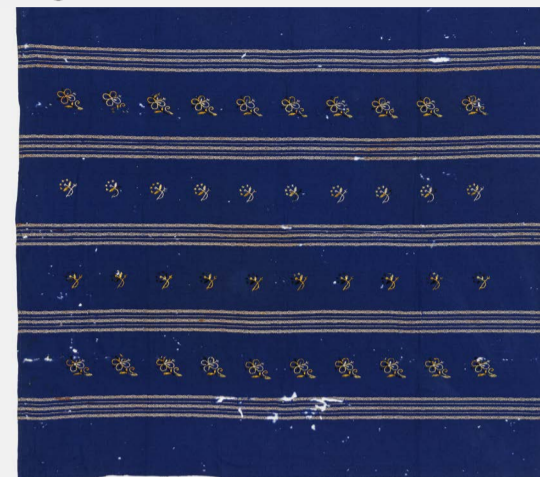
A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 367-TEX.I.30

Desconhecido, século XX (2.ª década) [período de utilização]

Matéria têxtil cosida e bordada | 85 x 85 cm

Lenço de Jacinta Marto



De formato quadrado, o lenço, de campo azul-escuro, possui cinco barras de cinco listras cada uma, três mais altas, duas mais finas. Entre cada barra estão bordadas dez pequenas flores, usando de linhas amarelas e de dois tipos de desenho.

Esta peça foi oferecida a Maria Rosinda Pereira da Silva por Maria dos Anjos Valinho, irmã da vidente Lúcia de Jesus, em novembro de 1952, sendo entregue por Paulo Miguel Pereira da Silva ao Santuário de Fátima, em junho de 2008. Apesar de a família ofertante colocar este lenço como pertença de Jacinta Marto, a carta que o acompanhava, escrita por Maria dos Anjos Valinho, indica a Irmã Lúcia como a sua anterior proprietária. Assim sendo, ou o lenço pertenceu a esta última Pastorinha, ou foi uma peça originalmente de Jacinta Marto (tradição mantida na família), mas que a Irmã Lúcia preservou na casa onde nasceu.

Enquanto esteve sob a propriedade da família Pereira da Silva, o lenço era raras vezes mostrado, sendo sempre mantido dentro da caixa e nunca desdobrado. O Santuário de Fátima expôs esta relíquia, pela primeira vez, na exposição “Jacinta Marto. Candeia que Deus acendeu”, entre março e outubro de 2010.

Museu do Santuário de Fátima

Ordem dos Carmelitas Descalços

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Historicamente denominada Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, esta organização religiosa remonta a meados do século XI, quando, no Monte Carmelo, na Palestina, um grupo de eremitas se entendeu seguidor de uma espiritualidade ligada ao profeta Elias. Nos inícios do século XIII, aquela comunidade religiosa recebe uma regra para a sua práxis de vida, o que antecedeu o reconhecimento do papa Honório IV, em 1216. Neste século ainda,

os carmelitas são desafiados a integrar a espiritualidade mendicante que, nesse século, revolucionava a forma de viver a vida religiosa nas cidades que floresciam.

Depois da reforma vivida no século XV, no contexto do grande Cisma do Ocidente, foi a reestruturação do século seguinte, no contexto do Concílio de Trento e da reforma geral por que a Igreja passava, que trouxe maior implicação ao *modus vivendi* desta agremiação religiosa. Tomando como cabeça espi-

ritual Teresa de Ávila, nasce, em 1593, uma família religiosa denominada de Carmelitas Descalços, cujo ideal de vida rapidamente se espalhou por todo o orbe. A ordem reformada tem três ramos, unidos sob a obediência ao Prepósito Geral: padres, freiras e seculares.

Pretendendo integrar uma vida religiosa de cariz contemplativo e dando cumprimento ao desejo que sentia décadas antes, é nesta ordem de clausura que Lúcia de Jesus ingressa em 25 de março de 1948,

após a experiência de religiosa que havia vivido durante 23 anos no Instituto de Santa Dorotheia. Em 13 de maio de 1948, quando da tomada de hábito, assumiu o nome de Irmã Maria do Coração Imaculado. Ao fazer a profissão solene, em 31 de maio do ano seguinte, tomará o nome de Irmã Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado. Ainda que em clausura, manteve contacto com o acelerado mundo contemporâneo, sobretudo a partir das cartas que recebia de todos os continentes. Nesse

convento, recebeu várias visitas ilustres, entre as quais se contam diferentes cardeais da Igreja. Segundo o seu testemunho, aí teve também encontros místicos enquadráveis no que a Igreja denomina de visões ou aparições da Virgem Maria. No Carmelo de Santa Teresa faleceu em 13 de fevereiro de 2005. No seu claustro esteve sepultada até ao dia 19 de fevereiro do ano seguinte, dia em que foi trasladada para a Basílica de Nossa Senhora do Rosário, no Santuário de Fátima.

FÁTIMA AO PORMENOR



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Os presentes na celebração comunitária contam-se pelos dedos das mãos. Nas semanas mais frias, uma mão chega. O padre faz uma maratona para percorrer as muitas comunidades de poucos cristãos. É um campeão da maratona sacramental, vindo de um estrangeiro longínquo, mais quente e habituado a comunidades mais numerosas. Aqui a média de idades passou há muito a da reforma. Mas se a igreja envelhece, o edifício foi renovado há pouco tempo, com apoios comunitários. Importa guardar a história, dizemos. É a memória de um

Fechar a igreja?

Pedro Valinho Gomes é teólogo

povo. É a tradição. Um projeto imprescindível. Com tanta maratona e obras, e no meio de uma certa angústia que se instala com as previsões desoladoras dos números pequeninos de cristãos que se contam com os dedos das mãos, vem-nos faltando o tempo de perguntar para que serve esta pastoral.

Sei que a pergunta dói. Parece significar um certo fracasso do projeto eclesial, o fim de um certo cristianismo que se confunde com a estrutura social e cultural das comunidades ocidentais. Teimamos em medir o projeto eclesial com os números e não há avaliação pastoral que não recorra à demoníaca folha de *excel* cada vez mais magra. A pergunta dói porque há um luto a fazer de uma certa cristandade com a qual, durante muito tempo, se confundiu a igreja. Já não somos, como cultura e

como comunidade social, essa cristandade. Não o seremos mais, por mais que uma certa utopia arqueológica queira reavivar esse projeto. E, na verdade, talvez nunca tenhamos sido chamados a sê-lo. Se em momentos da história a igreja se confundiu com essa utopia, não é essa a sua vocação.

É por isso que o tempo da comunidade dos que se contam pelos dedos das mãos não é um tempo de desolação, mas de promessa. É curiosa a dificuldade que temos em imaginar a pastoral de outra forma. Apesar da chamada crise ministerial (digo “chamada”, porque me parece que é “crise” precisamente apenas porque somos incapazes de pensar a pastoral de outra forma), é em torno da distribuição das parcas forças dos homens ordenados que reimaginamos as estruturas paroquiais e

que reorganizamos completamente as vidas das comunidades, ou que acolhemos do sul global ministros sem grande cuidado pela sua inculturação na especificidade de cada comunidade local. O ministério ordenado e o ritmo sacramental dominam a imaginação pastoral de tal forma que até o esforço catequético, espaço primordial de criatividade, é por ele dominado. Talvez fosse corajoso, por vezes, assumir o jejum sacramental em comunidades que se podem reinventar na fidelidade ao credo e ao *kerygma*. Um jejum sacramental para redescobrir a sacramentalidade da comunidade. Porque as comunidades não são chamadas a ser lugares de autossalvação para consumo interno, mas pequenas luzes de uma vida justificada por Cristo, sal de esperança e sentido no

mundo e para o mundo. E para isso, pouco importa a folha de *excel*. Dois ou três reunidos em nome dele são já testemunho de igreja.

O cenário que tracei de entrada, da comunidade de pouco mais de uma mão cheia a aguardar friamente o celebrante que acumula mais celebrações num dia só do que o número de cristãos em cada comunidade, é, confesso, inventado. Mas basta percorrer as igrejas do país e as comunidades cristãs Europa fora para compreender que qualquer semelhança com a realidade não é pura coincidência. As soluções pastorais que pretendem “resolver” o problema são menos do que paliativos, sobretudo quando compreendemos que a crise verdadeira da igreja se encontra na compreensão do que a igreja é chamada a ser. Ora, a crise é oportunidade.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

Uma linha de espessura constante, uma pincelada de espessura maleável, uma mancha, uma cor, diversas tonalidades, etc., cada uma é riquíssima nas possibilidades que contém; no entanto, mesmo desenvolvendo até ao máximo as próprias potencialidades, sozinha, cada uma permanece incompleta para dizer a realidade toda.

Habitados que estamos a uma cultura de competitividade e de autonomia, entendida como autossuficiência e independência relativamente aos outros, a incompletude soa-nos a sinónimo de fraqueza e vulnerabilidade, a oportunidade dada a outro

Incompletude

A irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

para exercer vantagem ou mesmo domínio sobre nós. A incompletude é coisa que nos dói.

Mas essa é a riqueza do ser: para cada coisa ser uma dada coisa em todo o seu esplendor, ela não pode ser simultaneamente outra coisa contrária. Será a nossa humana tendência — esta, sim, fraqueza e vício — para o julgamento, a defesa e o domínio que torna a incompletude uma ameaça a nossos olhos. Pois quando não há julgamentos, comparações, nem juízos de valor, quando não existe a pretensão de domínio de uns sobre outros e, portanto, desaparecendo a necessidade de defesa, a incompletude passa de fraqueza a abertura ao outro, e isto, não como rendição e fracasso, mas como oportunidade positiva de enriquecimento e de gratidão pelo diverso.

Mas esta nossa dificuldade com a incompletude não é



um problema apenas da era da “expulsão do outro” (Byung-Chul Han, *A Expulsão do Outro – Sociedade, percepção e comunicação hoje*, 2018). Já no tempo e na sociedade de S. Paulo isto era sentido; caso contrário, não precisaria ele de escrever: “Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Há, pois, muitos membros, mas um só corpo. Não pode o olho dizer à mão:

‘Não tenho necessidade de ti’, nem tão-pouco a cabeça dizer aos pés: ‘Não tenho necessidade de vós’. Pelo contrário, quanto mais fracos parecem ser os membros do corpo, tanto mais são necessários”. (1 Cor 2,19-22). Mesmo diante do risco do conflito pela diferença de sensibilidades, é necessário admitir que todos são necessários. São necessários os que se assemelham e

os que são opostos entre si, os que aparentam ser úteis e os que em dadas circunstâncias aparentam ser inúteis.

Em Fátima, Nossa Senhora apareceu a três crianças muito diferentes entre si e, apesar de tão distintas, todas e cada uma era necessária. A unidade das três foi suporte para veicular uma importante mensagem do Céu para o mundo dividido.

Livro de Honra do Santuário de Fátima

Afonso Dhlakama (1953-2018)

Livro de Honra n.º 2 (1985-2021), p. 51.

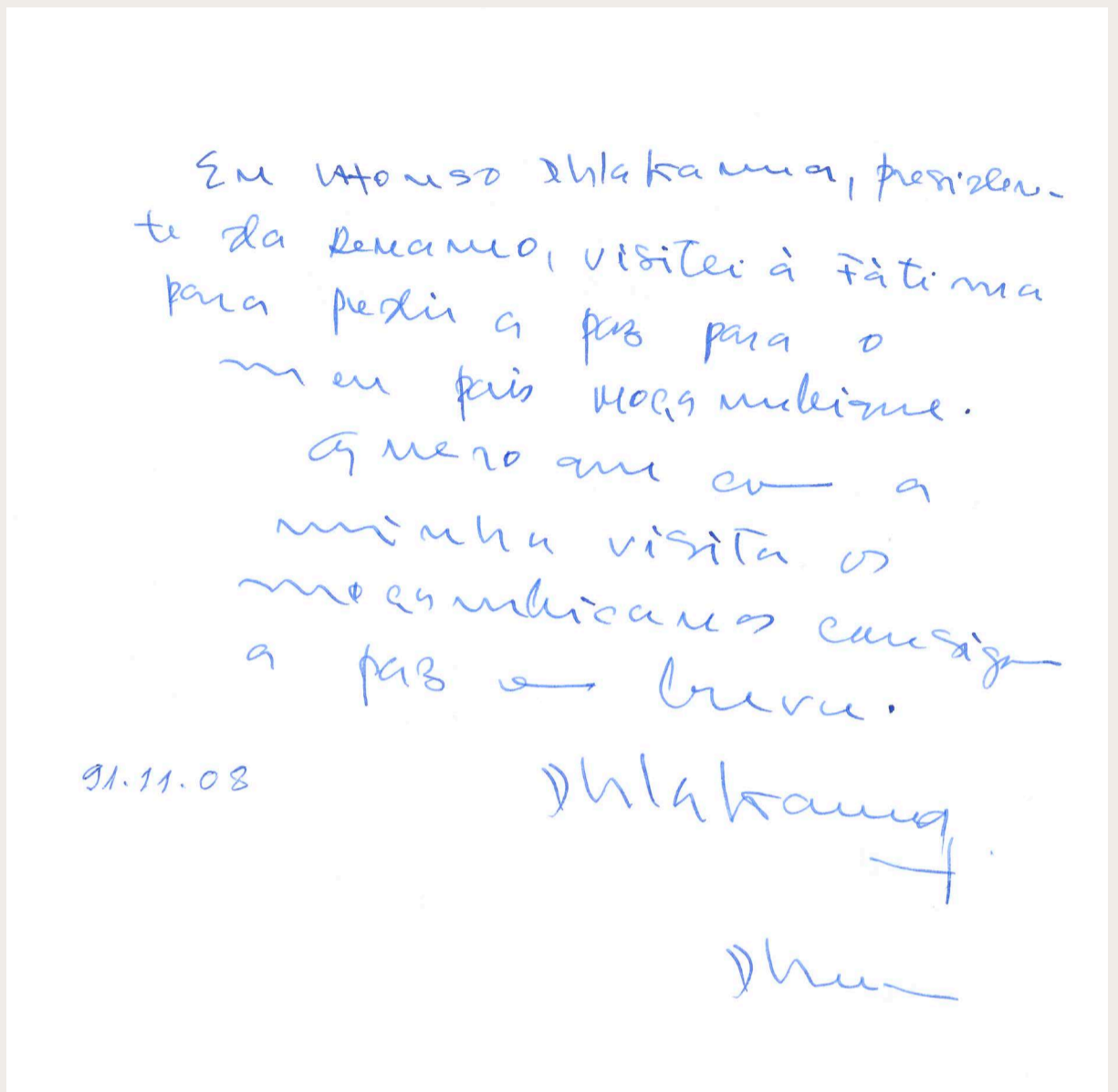
TRANSCRIÇÃO

Eu Afonso Dhlakama, presidente da Renamo, visitei à Fátima para pedir a paz para o meu país Moçambique. Quero que com a minha visita os moçambicanos consigam a paz em breve
91.11.08 Dhlakama

CONTEXTUALIZAÇÃO

A resistência à implantação de um regime de partido único de inspiração marxista após a independência de Moçambique conduziu, em 1975, à criação da Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), substanciada durante 16 anos numa guerra civil que a opunha ao partido governamental, Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). No final de 1991, Afonso Dhlakama, fundador e líder do movimento, esteve em Fátima, onde pediu a paz para o seu país. A adoção de uma nova constituição em 1990 facilitou a que, em 1992, os dois contendentes assinassem, em Roma, um acordo de paz. Até à sua morte, Dhlakama continuou a liderar a RENAMO, legalizada enquanto partido após a paz, e foi várias vezes candidato presidencial.

Arquivo do Santuário de Fátima



HÁ 100 ANOS ACONTECEU...

VOZ DA FÁTIMA

Edição de 13 de agosto de 1924

Há um século, a Voz da Fátima dava a conhecer curas atribuídas a Nossa Senhora e a presença de 60 mil peregrinos na peregrinação de 13 de julho de 1924.

“Devo muitos favores à medicina, mas também a Nossa Senhora porque é a Ela que devo a minha vida e a dos meus filhos”. Maria do Carmo da Cruz, da Reixida, concelho de Leiria, relata uma das “Curas da Fátima” que constam da edição de 13 de agosto de 1924. A afirmação que abre este texto é sua e surge como corolário de duas histórias felizes de recuperação de doença, uma do filho de 6

anos e outra da filha de 30 meses. Maria do Carmo atribui a Nossa Senhora do Rosário as duas graças que recebeu, após ter dado a beber aos filhos a “água milagrosa de Nossa Senhora de Fátima”. As graças que Maria Mello, de Vila Mendo, concelho da Guarda, partilha com os leitores através do jornal *Voz da Fátima* de agosto de 1924 não se verificam por intermédio da água de Fátima. O filho

sobreviveu a um final de gravidez agitado e a uma “interite” poucos dias após o nascimento, na sequência de uma novena à Virgem de Fátima e da promessa de que a criança seria trazida à Cova da Iria. Outros testemunhos de curas surgem no jornal de há 100 anos, onde também se relata a peregrinação de 13 de julho, que terá levado ao local das aparições 60 mil peregrinos.



Nesta casa ouve-se e sente-se a presença de Lúcia

No início de julho reabriu “um dos espaços mais emblemáticos da aldeia de Aljustrel”. A casa onde Lúcia de Jesus nasceu e viveu até aos 14 anos foi objeto de requalificação e apresenta uma nova museografia.

Patrícia Duarte



É a própria Lúcia de Jesus que recebe quem chega à casa. Na entrada, uma fotografia da mais velha dos Três Pastorinhos, com a estatura que teria aos 10 anos, lança o olhar sobre os visitantes e impõe-se como figura tutelar daquela pequena habitação da aldeia de Aljustrel, em Fátima.

Após vários meses de encerramento, a casa onde Lúcia nasceu, a 28 de março de 1907, e viveu até aos 14 anos é novamente visitável. Um apurado processo de requalificação e uma nova museografia transformaram-na num espaço museológico onde peregrinos e visitantes vão encontrar não a Lúcia doroteia nem a Lúcia carmelita mas a Lúcia da infância.

Sente-se a sua presença e “ouve-se” a sua voz, na estrutura e nos materiais que o edifício manteve, nos ob-

jetos que se recuperaram, nas frases que proferiu e que agora se projetam nas várias divisões da casa. Entre elas, destaca-se a que se encontra no quarto dos pais: “pequena casa — e digo — boa família, que Deus escolheu para trazer-me à vida”.

A principal diferença face ao projeto museológico anterior, que já se considerava “obsoleto”, é o que Marco Daniel Duarte designa de “museologia do silêncio”. Explica o diretor do Museu do Santuário de Fátima e coordenador do projeto museológico que as casas-museu “vivem por si e pelo testemunho que dão enquanto lugar de memória, através das suas paredes e do mobiliário que as constitui”.

As obras foram precedidas de um “aprofundamento muito forte das fontes de informação”, com destaque

para “as memórias da própria Irmã Lúcia, e também algumas cartas em que ela descreve, cómodo a cómodo, divisão a divisão, o que é que existia em cada um dos espaços”.

Na sessão de reabertura, a 4 de julho, o reitor do Santuá-

rio de Fátima, padre Carlos Cabecinhas, assinalou a relevância do momento: “Este é um dos espaços mais emblemáticos da aldeia de Aljustrel, um espaço que atrai anualmente um número muito significativo de visitantes tocados por esta figu-

ra singular da Irmã Lúcia e pela força da Mensagem de Fátima”, afirmou.

Na mesma ocasião, Marco Daniel Duarte salientou que a Casa de Lúcia foi lugar de convivialidade não apenas da família constituída pelos pais, pelas irmãs e pelo irmão, mas de vizinhos, entre os quais muitas crianças. A este local começaram também a afluir muitos peregrinos oriundos de todos os pontos do país.

Mais de 100 anos decorridos desde a primeira Aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos, a Casa de Lúcia permanece como “casa de todos”. Os números falam por si: recebe anualmente cerca de 300 mil visitantes. Está aberta todos os dias da semana e pode ser visitada entre as 9h00 e as 12h45 e entre as 14h00 e as 17h45. A entrada é gratuita.



Vista da lareira, na cozinha.

“pequena casa — e digo — boa família, que Deus escolheu para trazer-me à vida.”



CRUCIFIXO

Peça especialmente marcante na casa de fora é o crucifixo que pertenceu à casa desde o tempo de habitação de Lúcia de Jesus. Segundo as suas *Memórias*, era diante dele que a família rezava. Esta peça está particularmente ligada a um episódio descrito por Lúcia: estando com seu irmão Francisco em casa da prima a brincar ao jogo das prendas, Jacinta foi mandada, por Lúcia, dar três beijos a seu primo Manuel, que escrevia sobre a mesa; Jacinta recusou, propondo antes beijar e abraçar o crucifixo que pendia da parede. Lúcia aceitou a sugestão, impondo a Jacinta que desse três beijos e abraços ao crucifixo, um por cada um dos Pastorinhos, o que a menina fez de bom grado. A memória deste episódio encontra-se inscrita junto à peça.



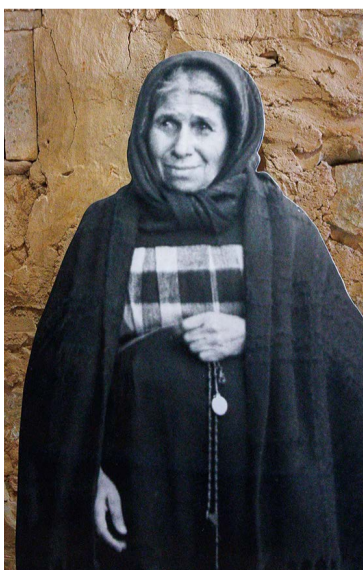
RELÓGIO

Embora montado em caixa e mostrador posteriores, o mecanismo do relógio é o mesmo que existiu na casa ao tempo das aparições. Marca as 7h00 da tarde, a hora do nascimento de Lúcia no dia 28 de março de 1907.



LIVROS

São várias as fontes que informam da existência de livros na casa da família Santos ao tempo das aparições. Entre os livros ali existentes, que Maria Rosa, mãe de Lúcia, lia a seus filhos, encontram-se a *Missão abreviada*, do P. Manoel Couto, e a *Imitação de Cristo*, de Thomas de Kempis. É sobre uma pequena arca de madeira, no quarto de Maria Rosa, que se evoca, através destas publicações, essa realidade que alude à transmissão da fé, não apenas pela tradição oral, mas também pela via da tradição da escrita.



FOTOGRAFIA DE LÚCIA

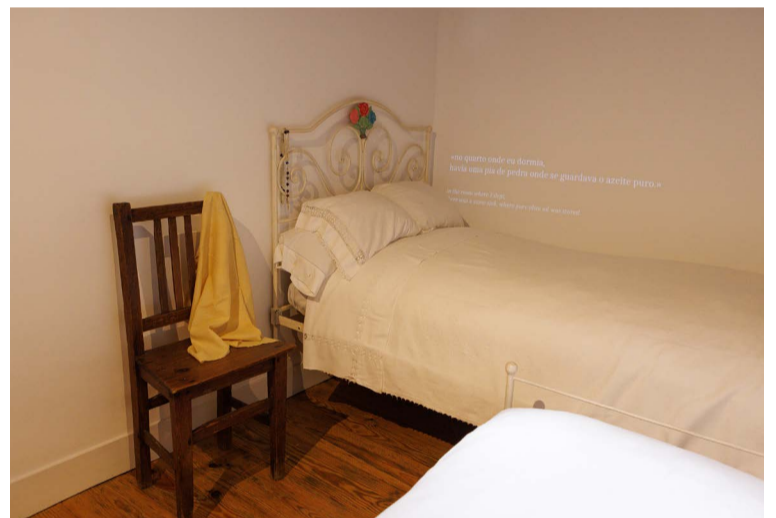
É a mais difundida fotografia da infância de Lúcia, tirada antes do dia 13 de outubro de 1917 em frente de um muro junto da casa de seus primos, que na casa de fora recebe os visitantes. A fotografia de Lúcia encontra-se plasmada em tamanho natural, com a estatura que se supõe que vidente teria em 1917 com a idade de 10 anos [na foto da vista geral da casa de fora, no topo da coluna à direita].

FOTOGRAFIA DA MÃE DE LÚCIA

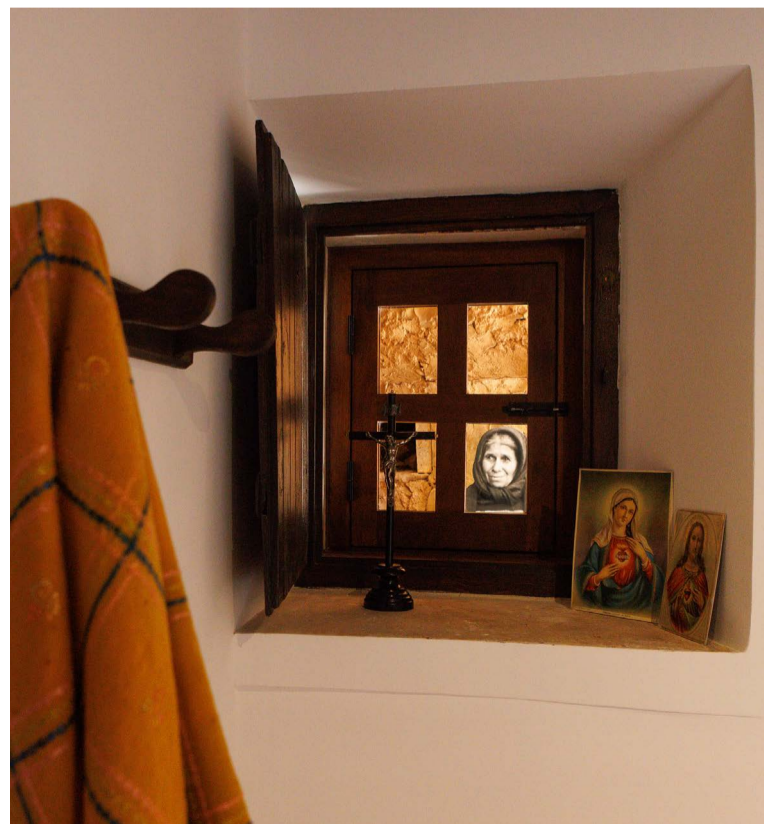
Para além de Lúcia de Jesus, Maria Rosa, sua mãe, é também figura tutelar da casa, evocada do lado de fora da janela do quarto onde Lúcia dormia. Através de uma fotografia à escala real, sublinha-se, assim, a especial relação — a que não foi alheia a tensão gerada pelas Aparições de Fátima — que unia mãe e filha.



Vista geral da casa de fora, divisão de entrada na Casa de Lúcia.



Quarto de Lúcia.



Pormenor do quarto de Lúcia, com a fotografia da sua mãe do lado de fora da janela.

“A Irmã Lúcia faz parte da nossa comunidade e a presença dela é inegável”

A 9.ª edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima, dedicada à figura de Lúcia de Jesus, não ficaria completa sem o testemunho das irmãs carmelitas que com ela privaram.

Disponível na página de YouTube do Santuário, o vídeo “A Irmã Lúcia entre nós: testemunho do Carmelo de Santa Teresa” é o resultado de uma conversa conduzida por Marco Daniel Duarte, diretor do Departamento de Estudos e coordenador dos Cursos de Verão, com a irmã Susana Maria do Santíssimo Coração de Jesus, prioresa do Carmelo de Coimbra, e a irmã Olinda Maria do Menino de Jesus, contemporânea de Lúcia.

Através do testemunho das duas irmãs, de que aqui se publica uma parte, é possível conhecer melhor a vidente de Fátima no que definia a sua personalidade, mas também no que caracterizava o seu quotidiano.

Marco Daniel Duarte



Estamos no Carmelo de Santa Teresa de Coimbra. Que casa é esta? Um pulmão de oração da Igreja em Portugal e não só?

IRMÃ SUSANA — Esperamos em primeiro lugar que seja um pulmão de oração, sobretudo neste ano que estamos a viver, com toda esta grande sinfonia de oração a que o Santo Padre nos convida.

Esta casa é uma casa de pedras, obviamente, mas de pedras vivas. Como é que podemos caracterizar as carmelitas que aqui estão hoje?

IRMÃ SUSANA — Somos uma comunidade de irmãs muito simples. A nossa vida é marcada por uma grande simplicidade, até porque, como procuramos que haja uma presença real e forte de Deus, muita tralha atrapalha. Procuramos, de facto, essa pobreza, essa simplicidade e esse silêncio que nos é muito, muito próprio, muito característico. Penso e digo com muito gosto e com muita alegria que somos um grupo de irmãs que formam uma família. Entre nós, sentimo-nos parte umas das outras e acho que é das coisas bonitas que a nossa comunidade tem. É, de facto,

este espírito de comunhão que há entre nós e que nos leva a abraçar uma série de coisas e a levar para a frente também esta missão que a Igreja nos confia.

A comunidade neste momento tem 16 irmãs, a mais nova tem 34 anos, a mais idosa tem 93. Em todas as décadas temos algumas irmãs, portanto acabamos por ser uma família com faixas etárias bastante alargadas, o que é muito enriquecedor. Temos neste momento ainda duas irmãs em formação, sem os votos solenes, e as outras 14 irmãs já fizeram a sua consagração definitiva ao Senhor.

Então, podemos dizer que neste conjunto de pedras vivas há uma memória muito clara daquilo que foi a passagem de Lúcia de Jesus, que integrou este Carmelo durante muitos anos?

IRMÃ SUSANA — A Irmã Lúcia faz parte da nossa casa, faz parte da nossa comunidade e a presença dela é inegável, não se pode contornar de maneira nenhuma.

A Irmã Lúcia não é o Carmelo, mas o Carmelo, obviamente, tornou-se um

Carmelo único no mundo, porque a Irmã Lúcia integrou esta casa. A irmã Olinda tem uma memória viva ainda da Irmã Lúcia de Jesus?

IRMÃ OLINDA — Muita. Encontrei-a a primeira vez aqui quando estava em discernimento vocacional, não a conhecia. Tinha-a visto em 1967 em Fátima, mas aqui pareciam-me todas iguais. As irmãs iam fazendo perguntas e, a certa altura, uma irmã perguntou-me: “A menina reza o Terço?”. Eu disse que sim. “E as crianças também e as famílias?” Eu disse que sim (na minha terra ainda se rezava o Terço) e ela disse: “Recomende a todos que rezem, porque foi um pedido de Nossa Senhora aos Pastorinhos, foi um pedido da Mãe do Céu”. Eu percebi logo quem era.

Como era o quotidiano da Irmã Lúcia? Como é, no fundo, o quotidiano de uma carmelita descalça?

IRMÃ SUSANA — Nós alternamos períodos de oração litúrgica com períodos de oração pessoal, momentos de solidão com momentos de encontro fraterno. Santa Teresa conseguiu conjugar isto de uma forma muito

harmoniosa.

Naquela altura, a Liturgia não era como nós a celebramos hoje, portanto, com as devidas diferenças, o nosso ritmo é muito cadenciado, sobretudo, pelo que é a oração litúrgica. Associadas a essa oração litúrgica, temos duas horas de oração pessoal, uma de manhã e outra à tarde. Temos a Eucaristia diária, que é o núcleo do dia. E depois temos, quer no período da manhã, quer no período da tarde, tempos definidos para o trabalho. Nós habitualmente trabalhamos sozinhas para podermos manter o clima de silêncio e solidão que propicia o encontro com Deus, que propicia essa oração contínua para a qual tendemos. Sempre ouvi dizer, desde que entrei, que a Irmã Lúcia era muito trabalhadora, muito dinâmica, muito serviçal, muito disponível.

Quais eram os trabalhos que mais faria?

IRMÃ OLINDA — Quando eu vim, ela estava com 66 anos e ainda estava bastante no ativo, embora fosse um bocadinho delicada. De manhã nunca se levantava, tinha a sua higiene, não se podia sobrecarregar, tinha a saúde mais frágil, mas

seguia a vida em comunidade. A lavar loiça era das mais despachadas. Lavava a roupa em tanques, tudo esfregado à mão, e quando eram limpezas — ela não podia fazer esforços — varria e limpava o pó. Ao nível de ofícios, teve praticamente todos os ofícios. Foi muito tempo organizadora das obras. O restauro da casa foi praticamente por conta dela e no quintal era ela que orientava os trabalhos. Teve o cuidado de arranjar um poço. Ela gostava muito de flores e arranjava os seus vasos. Era especialista de cozinha. Ganhou prémios com arroz-doce e filhós e ensinou-me cozinha. Era muito exigente para a comida ser bem feita, bem temperada e suficiente.

Qual o prato preferido da Irmã Lúcia?

IRMÃ OLINDA — Batatas fritas! Em dias de festa, comíamos batatas fritas e filetes de pescada, pãezinhos de leite e arroz-doce. Das últimas coisas que comia, mesmo de manhã, era um bocadinho de chá, um pratinho de batatas fritas e uma tacinha de tremoços.

Até que ponto é que a Irmã Lúcia demonstrava, dentro do Carmelo, a importância da Mensagem de Fátima?

IRMÃ SUSANA — Sempre ouvi das irmãs que a Irmã Lúcia viveu fielmente o seu “sim” de 1917. Não obstante ser a vidente de Fátima e ter a Mensagem de Fátima totalmente dentro de si, porque a encarnava totalmente, as irmãs da comunidade também sentiam que ela era totalmente carmelita descalça. O que sempre ouvi é que esta sua relação com Nossa Senhora, depois, também ia para Cristo e para o mistério



de Deus, para o mistério da Trindade. E sempre procurava inculcar a oração do Terço. Penso que foi até pedido à comunidade, mesmo depois de ela falecer, se podíamos fazer aqui os primeiros sábados. A Mensagem saía dela naturalmente.

A Irmã Lúcia interessava-se pelas coisas do Santuário? Visitou-o muito poucas vezes como sabemos. As irmãs seguiam as transmissões do 13 de maio?

IRMÃ OLINDA — Quando ela era viva, só quando vinha o Papa. As irmãs aqui só viram televisão em 1967, quando veio Paulo VI. Foi a primeira vez que a televisão entrou no Carmelo. Nos últimos meses de vida, como estava acamada, pusemos uma televisão na cela com vídeos da visita do Santo Padre a Cracóvia e do ano 2000 com a beatificação dos Pastorinhos. Ela ficava encantada.

Por quem é que a Irmã Lúcia rezava?

IRMÃ SUSANA — A madre Celina contava que a Irmã Lúcia era muito sensível a todos os pedidos de oração que lhe eram feitos, ao sofrimento das pessoas, à

vida das pessoas, mas que quando ouvia falar da Rússia, até as irmãs notavam, algo nela mexia, mudava.

Quer dizer que não se afastou do mundo político, ideológico...

IRMÃ SUSANA — Não, pelo número de situações com que tinha contacto e em que estava envolvida e sobre as quais era consultada, certamente terá conseguido desenvolver esta sua capacidade de presença e de empatia numa dimensão que não conseguiremos nunca compreender.

A Irmã Lúcia falava da família, recordava a fase da infância?

IRMÃ SUSANA — Sim, sim, essas histórias da infância, mesmo no Instituto de Santa Doroteia, faziam as delícias nos recreios. Ela tinha um jeito muito especial para contar as histórias, com graça, com naturalidade, com sentido de humor, um tornar as coisas simples, mas engraçadas, que à sua volta causava alegria, causava boa disposição.

Esta relação que o Carmelo estabeleceu com Lúcia, que foi obviamente um

membro desta casa, ficou quebrada no dia em que o corpo da Irmã Lúcia saiu para ir para o Santuário de Fátima?

IRMÃ SUSANA E IRMÃ OLINDA — Custou-nos muito...

Como foi esse dia?

IRMÃ SUSANA — A madre Celina, com uma das irmãs externas, pôde acompanhá-la. Nós ficámos cá e nesse dia seguimos tudo pela televisão. Custou-nos muito. Quando foi para ela sair, as irmãs que podiam ajudaram a levar o caixão; foi um momento que ficou muito marcado na nossa comunidade. Mas a casa está cheia dela. A cela dela continua a ser um pequeno santuário que temos e onde vamos rezar. A sepultura dela, que agora contém os restos mortais da madre Celina, é um sítio onde vamos rezar pelas duas. É verdade que houve um corte e que foi um corte que fará sentido, mas ao mesmo tempo há uma pertença dela aqui; isso ninguém nos pode tirar: está nas irmãs que com ela conviveram, está na nossa própria essência como Carmelo de Coimbra. Quer queiramos quer não, ela constitui-nos.

O Carmelo de Coimbra tem uma responsabilidade com esta figura da Irmã Lúcia. Sente-se prolongador daquilo que era a missão de Lúcia de Jesus?

IRMÃ SUSANA — Sim, claro que sim. E essa é a expressão própria: é uma missão desta casa, pelo menos nós vivemo-la muito assim.

Para terminar, como é que caracterizariam a Irmã Lúcia se tivessem de a apresentar a quem nunca tivesse ouvido falar dela?

IRMÃ SUSANA — Quando perguntam pela Irmã Lúcia, o que eu digo que mais me tocou é a sua humanidade, a sua naturalidade. O que guardo dela é que quando há uma verdadeira experiência de Deus, uma intimidade com Deus, ela não nos torna seres raros, ela torna-nos verdadeiramente aquilo que somos que é homens e mulheres. Se tivesse de definir a Irmã Lúcia, definia-a como uma mulher de Deus. Isto para mim diz tudo. É mulher no que tem de mais genuíno e normal, o bom humor, a alegria, a capacidade de relação, a firmeza de carácter, porque se notava a sua vivacidade, a sua determinação, a sua coragem. De certeza que foi uma mulher destemida e uma mulher de uma fortaleza extraordinária. Teve de ser. Foi isso, porque fez uma experiência de Deus profundíssima; foi graça de Deus, mas também foi colaboração dela deixar-se moldar e deixar-se conduzir. As duas conjugadas fazem-nos compreender o mistério da encarnação, e os santos são isso, são pequenas luzes que nos dizem que sermos à imagem de Cristo é para todos e é para nós, é o caminho normal de um cristão.

Mensageiros de Nossa Senhora reunidos em peregrinação nacional

Papa Francisco enviou uma mensagem ao Movimento da Mensagem de Fátima, convidando todos os mensageiros a tornar presente Fátima nas suas vidas e no seu dia a dia.

Miguel Ferreira | Secretariado Nacional do MMF

Nos dias 20 e 21 de julho de 2024, a família Mensageira esteve reunida em peregrinação nacional no Santuário de Fátima. Trouxemos as nossas vidas, que têm fraquezas e angústias, para que sejam transformadas pelo olhar da fé, pela esperança do encontro e pela vivência íntima com Deus na casa da mãe.

Este ano, a peregrinação começou com o desfile pelo Recinto até à Capelinha das Aparições, seguindo-se a saudação e a consagração dos mensageiros. O assistente nacional, padre Daniel Mendes, deu as boas-vindas, acolheu e depositou aos pés de Maria as “Rosas para Maria” rezadas em todo o país. Frisou que todos os mensageiros são chamados ao en-

contro, primeiramente com Deus, que acontece todas as vezes que se dá tempo à oração, à escuta e ao estudo da Palavra de Deus e da Mensagem de Fátima, à adoração eucarística, à oração do terço e ao encontro com os irmãos na assistência aos mais frágeis e necessitados.

No Centro Pastoral de Paulo VI, com um guião elaborado pelo setor juvenil, revisitámos os campos pastorais, os setores e as comunidades de vida que compõem o MMF. Neste tempo, houve uma exposição em que fomos chamados a conhecer com maior profundidade estas várias pastorais, as suas atividades e os seus responsáveis.

O reitor do Santuário, padre Carlos Cabecinhas, es-

teve connosco e lembrou o caminho dos Pastorinhos e em especial o da venerável Irmã Lúcia. Pediu que rezássemos ao Pai para que nos concedesse a graça da sua beatificação e canonização, sendo que as nossas orações são essenciais.

A irmã Filipa, da Aliança de Santa Maria, lembrou a exigência que os Pastorinhos colocaram nas suas vidas para viverem inteiramente a Mensagem de Fátima. São os nossos exemplos.

A terminar a tarde, ouvimos uma mensagem particular do Papa Francisco ao MMF, que convidou todos os mensageiros a tornar presente Fátima nas nossas vidas e no nosso dia a dia.

Após o terço e a procissão das velas, houve a celebra-

ção da missa votiva dos Santos Pastorinhos. A exemplo de Samuel e dos pastorinhos Francisco e Jacinta Marto, fomos desafiados a escutar e a aprender a interpretar os sinais que Deus nos envia, para sermos mensageiros agradecidos por tantos dons que Deus vai concedendo.

A noite foi passada na companhia de Jesus, com a eucaristia na Capela do Santíssimo Sacramento, a reflexão da via-sacra na colonata e a oração mariana na Capelinha. No raiar da manhã, houve laudes e procissão do Santíssimo.

A peregrinação terminou com o rosário seguido de eucaristia no Recinto de Oração.

O cardeal D. António Marto, que presidiu à missa de

domingo, exortou os mensageiros a continuarem a transbordar a força que receberam na casa da mãe nas suas vidas. “Só avança quem descansa”, refere o título do livro de Vasco Pinto de Magalhães. Com o encontro e o silêncio vividos durante estes dias de peregrinação na casa de Maria, saímos mais fortes para cumprirmos a missão que nos é confiada: sermos mensageiros chamados ao encontro e à esperança.

Agradecemos a todos os que se envolveram e trabalharam para tornar possível este grande encontro da família de mensageiros. Um abraço particular para aqueles que vieram pela primeira vez e àqueles que estão a dar os primeiros passos neste serviço. Bem hajam.

Santuário de Fátima acolheu retiro de doentes da diocese de Viseu

Entre 20 e 23 de junho, 39 doentes participaram em várias celebrações e iniciativas.

Emília Esteves | Responsável pela Pastoral dos Doentes do Secretariado Diocesano do MMF de Viseu

O Santuário de Fátima, em colaboração com o Movimento da Mensagem de Fátima, promoveu o retiro espiritual aos doentes da diocese de Viseu, que decorreu entre os dias 20 a 23 de junho de 2024, na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores, em Fátima. Participaram 39 doentes e cinco elementos da equipa de voluntários diocesanos.

À chegada a Fátima, foram agraciados com as boas-vindas dadas pelo padre Daniel Mendes e pela equipa da Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima que, em conjunto, orientaram todo o retiro.

Participaram nas várias



celebrações, estiveram na área reservada da colonata norte e na Capelinha das Aparições, onde recitaram um mistério do Terço. Também visitaram os Valinhos, a Loca do Cabeço, a Basílica de Nossa Senhora do Rosá-

rio e a Basílica da Santíssima Trindade.

Todas as visitas foram devidamente guiadas e explicadas aos participantes. Também lhes foram explicados o acontecimento e o conteúdo da Mensagem de Fátima.

Participaram na missa, na adoração ao Santíssimo Sacramento, na celebração penitencial, nas confissões e na unção dos enfermos.

No final, todos comentavam com muita emoção: “Gostei muito, vou maravi-

lhada, nem tenho palavras para agradecer a tranquilidade que levo no coração”; “Vou muito satisfeita, levo mais devoção”; “Adorei, trazia muitas mágoas no meu coração — falei com Nossa Senhora”; “Eu já não me confessava e comungava há mais de uma década, precisava de me perdoar a mim mesma”; “Agora vou viver de maneira diferente com estes ensinamentos”; “Muito bom, correu bem, equipa compreensiva e pronta a servir, estão de parabéns”.

Foram dias memoráveis que ficarão para sempre gravados no coração dos participantes.

FOTOGALERIA PEREGRINAÇÃO NACIONAL DO MMF A FÁTIMA



Secretariado de Leiria-Fátima promoveu peregrinação a Tuy e Pontevedra

Seguindo a rota de Lúcia por terras de Espanha, o grupo visitou os locais onde a vidente estudou e viveu parte da sua vida consagrada.

MMF

Cedo, e animada, começou a peregrinação a Tuy e Pontevedra. A primeira paragem aconteceu na localidade de Balasar, Póvoa de Varzim, na casa onde morou a beata Alexandrina, que se encontra preservada com a mesma decoração e ambiência que a própria conheceu. No jardim interior, ouvimos a explicação dos momentos que originaram a sua paralisia. O espaço demonstra a sua total entrega a uma vida de fé e não deixa de ser marcante o conhecimento de que, a 27 de março de 1942, tenha deixado de se alimentar, vivendo exclusivamente da Eucaristia.

Celebrámos a eucaristia na capela da Santa Cruz, onde se encontra o seu jazigo. Seguiu-se o almoço num restaurante próximo.

Passando por Viana do Castelo, subimos ao Monte de Santa Luzia, onde foi possível visitar a basílica. A viagem prosseguiu por uma encantadora estrada à beira do Atlântico, virando para o interior, com breve paragem na Senhora da Cabeça.

Chegados a Valença e atravessando a ponte, era altura de acertar a hora do relógio porque estávamos em Espanha. O trajeto desse dia



terminou no Monastério do Poio, local onde ficámos alojados, sem grandes luxos, mas acolhedor e simpático. Conferiu a dose de sossego e silêncio por que todos ansiavam e servindo de base à peregrinação.

A história da Irmã Lúcia não se circunscreveu a Portugal, teve um capítulo em Espanha, onde estudou sob o nome de Maria das Dores e onde terá registado, pelo menos, três aparições. A primeira aconteceu na cidade de Pontevedra.

Visitámos o Santuário das Aparições, reconhecido pela fachada em pedra e um portão verde. À entrada, encontra-se a imagem de Nossa

Senhora de Fátima e dos Três Pastorinhos, duas fotografias da Irmã Lúcia e uma capela, onde celebrámos eucaristia.

No andar de cima, situa-se o quarto onde Lúcia teve a aparição. Não tendo hoje a mesma ambiência, o espaço foi transformado numa zona ampla. Neste local, a venerável Lúcia de Jesus teve duas aparições do Menino Jesus, uma delas com Nossa Senhora, que lhe pediu para consagrar o mundo ao seu Imaculado Coração.

No período da tarde, partimos rumo à cidade de Santiago de Compostela, termo da rota de peregrinação dos Caminhos de Santiago e onde se encontra sepultado

o apóstolo São Tiago. É um local com outra grandeza e brilho diferente dos anteriores, com as ruas repletas de pessoas, muitas, como nós, peregrinas.

Já no interior da catedral, o nosso olhar quedou-se no bota-fumeiro, enorme incensário de latão banhado a prata, e nos dois grandes órgãos, situados na parte central. Não faltou o "abraço" ao Santo.

De regresso ao Poio, fez-se paragem em Monte do Gozo, escolhido em 1989 pelo Papa João Paulo II para celebrar os atos centrais das Jornadas Mundiais da Juventude. Chegámos ao dia 30 que marcava o termo da peregrinação. Era tempo de arrumar a mala e

partir, mas não sem antes tomar parte na missa na igreja situada no Monastério do Poio, com a beleza das imagens fixadas nas paredes.

No último dia, passámos por Tuy, cidade onde a Irmã Lúcia permaneceu 17 anos, no Instituto de Santa Dorotheia. Muito discreta, constata-se que apenas existe uma placa à entrada das Dorotheias a marcar a sua presença. Entrando, nem uma fotografia, uma referência, absolutamente nada. Neste lugar, Lúcia teve uma visão da Santíssima Trindade. De todas, é a mais importante do ponto de vista teológico, na opinião do bispo Inácio Dominguez.

No regresso ainda houve tempo para a visita aos Santuários do Sameiro e do Bom Jesus de Braga, seguindo-se o almoço em Braga e a visita à Capela Imaculada Nossa Senhora da Conceição, diferente, mas de encantadora beleza.

Tudo correu de forma abreviada, o tempo era curto, mas a gestão e empenho de todos possibilitou que nada ficasse por ver ou fazer, mantendo-se presente o espírito de peregrinação que motivou a viagem.

D. Manuel Felício lembrou drama da guerra “em partes do mundo menos noticiadas”

Bispo da Guarda lembrou as “recomendações tão preciosas” que Nossa Senhora deixou na Cova da Iria.

Cátia Filipe



D. Manuel Felício esteve em Fátima, na Peregrinação Internacional Aniversária de julho, e convidou os peregrinos a “fazer memória da experiência feliz dos Três Pastorinhos”.

Na Cova da Iria, Nossa Senhora “fez um convite à oração e penitência, veio dizer ao mundo o que é preciso fazer para vencer as crises, e a grande crise que naquele momento se vivia e fazia sofrer as pessoas, as famílias e as nações era a crise imposta pela Primeira Guerra Mundial”.

O bispo da Guarda lembrou que as crises “não terminaram e, em particular os dramas da guerra, estão a pedir soluções que tragam de novo à vida das pessoas e dos povos a tranquilidade e a paz”.

“Nós hoje, neste seu Santuário, queremos sentir, de novo, como ela é nosso modelo e nossa mãe, sempre

atenta não só aos pedidos que lhe fazemos, mas sobretudo atenta às necessidades do mundo inteiro, hoje a braços com problemas novos, dos quais as guerras são a expressão mais visível e sentida pelas populações”, alertou o prelado.

D. Manuel Felício considerou que a maior urgência do mundo atual é a paz e afirmou: “Estamos a lembrar-nos da Ucrânia e da Palestina, mas também de outras partes do mundo menos noticiadas, onde o drama da guerra está instalado e faz sofrer populações inteiras”. Referiu-se em concreto à situação vivida no Sudão, Mianmar, Líbano ou Etiópia. Estes lugares “ocupam menos espaço nas notícias, talvez por serem considerados menos importantes para os interesses dos países ricos, mas vivem ali pessoas que sofrem os horrores da guerra”, sustentou.

Na noite anterior, na habitual celebração da Palavra, a liturgia referia que o caminho da paz é um caminho de “humildade e serviço”. Aproveitando ainda o exemplo de Lúcia, Francisco e Jacinta, D. Manuel Felício falou da “forte experiência de oração e incondicional entrega, que expressa um convite a cada um de nós hoje aqui”.

Pediu orações pelo Jubileu do próximo ano, para que “cada um consiga viver e aprofundar o sentimento de entrega”.

Na Peregrinação Aniversária de julho, fizeram-se anunciar nos serviços do Santuário 53 grupos de peregrinos oriundos de Portugal, Alemanha, Camarões, Canadá, Coreia do Sul, Costa do Marfim, Eslováquia, Espanha, Estados Unidos, Irlanda, Itália, Malta, Polónia, Reino Unido e Vietname.



FOTO © SDP|Leiria

Jovens de Seul visitaram o Santuário de Fátima

Um grupo de jovens da Diocese de Seul visitou o Santuário de Fátima no passado dia 21 de julho, acompanhado por elementos do Serviço Pastoral Juvenil da Diocese de Leiria-Fátima.

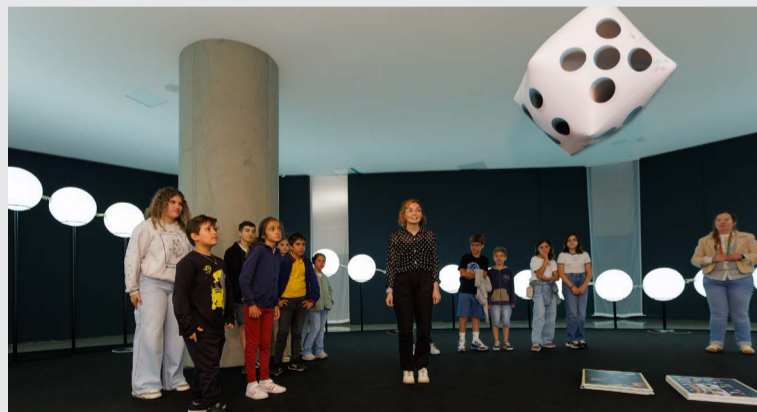
A capital da Coreia do Sul receberá a próxima Jornada Mundial da Juventude, em 2027, e a visita decorreu nesse contexto de preparação.

Antes de se deslocar à Cova da Iria para saber mais sobre a história e a Mensagem de Fátima, o grupo visitou Santiago de Compostela, em Espanha.



Crianças viveram uma aventura no Santuário

Entre 15 e 26 de julho, os serviços e espaços do Santuário de Fátima abriram-se aos filhos dos colaboradores. Cerca de duas dezenas de crianças, entre os 5 e os 12 anos, participaram no programa de férias “Uma Aventura no Santuário”, que proporcionou atividades de caráter pastoral, lúdico e pedagógico e pretendeu assim ocupar, de forma divertida, o tempo livre de férias.



“Jogo da Glória” ensinou, com alegria, os mistérios do Rosário

Cerca de 30 crianças e adolescentes tomaram os lugares da frente na terceira visita temática à exposição temporária “Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória”, que decorreu a 3 de julho.

De uma forma lúdica, aprenderam a rezar o terço ao participarem num jogo sobre os quatro conjuntos de mistérios do Rosário, dinamizado pelos Serviços Educativos do Museu do Santuário de Fátima.

A obra “Suspensão”, de Joana Vasconcelos, serviu de tabuleiro de um “Jogo da Glória” onde crianças e adolescentes foram jogadores e peões de um percurso feito ao ritmo de um dado e de respostas certas.

“O andor é pesado, mas vamos nas nuvens”

A cada Peregrinação Aniversária, meia centena de peregrinos é chamada a levar aos ombros o andor de Nossa Senhora, uma experiência que marca quem a assume.

Diogo Carvalho Alves

Minutos antes do início do terço, na Capelinha das Aparições, já os sete grupos de peregrinos que vão levar ao ombro o andor com a imagem de Nossa Senhora estão reunidos junto à saída da Colunata do lado norte, onde recebem as primeiras instruções dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima.

As orientações dadas variam consoante a posição que cada grupo irá assumir no percurso, até porque o levantamento do andor, logo no início da procissão, ou a parte final, com a difícil subida da escadaria do presbitério do Recinto de Oração, e o pouso na peanha implicam graus de exigência diferentes, explica Lourenço Correia de Oliveira, um dos Servitas que está a coordenar o grupo de peregrinos.

“As indicações que damos incidem mais sobre os grupos que fazem o levantamento e o pouso do andor, até porque estes momentos requerem mais destreza, para que a Imagem possa ir sempre direita. Por exemplo, na subida das escadas, damos a indicação para que os da frente e do meio retirem o andor dos ombros, por forma a nivelá-lo com os que vão atrás”, descreve o Servita, que define a calma e a coordenação como atitudes essenciais para todo o processo.

A troca do andor é também um “momento sensível”, pela possibilidade de um dos lados poder ficar desequilibrado, até porque esta troca é sempre feita em movimento, para que a procissão não pare, lembra Lourenço de Oliveira.

Durante todo o percurso, são também os Servitas a voz de comando. Um à frente e outro atrás, são quem dá as coordenadas que guiam quem leva o andor aos ombros, quando se sobe ou desce, respetivamente.

“Nas nuvens”

Falta meia hora para o início da procissão e os grupos são



orientados para as respetivas posições. Seguem em fila, pelo corredor central, sendo posicionados na ordem inversa do sentido que a procissão vai percorrer.

“Lourenço, alinhas os peregrinos?”, pergunta o outro colega Servita, à medida que cada grupo vai assumindo a posição. “Sim”, responde de imediato, já a dispor os elementos de cada grupo pela altura, numa opção que visa colmatar o desnível do Recinto de Oração.

No processo de seleção, feito nas primeiras horas da manhã de cada Peregrinação Aniversária, a altura dos ombros dos peregrinos é um dos fatores que é mais considerado na formação dos grupos de 8 elementos. Quando são escolhidos, o receio ou o medo que possa haver em assumir tamanha responsabilidade são rapidamente dissipados pela alegria de poder transportar o andor com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, conta o Servita.

Abílio Pereira atesta a “felicidade e o significado intenso de levar Nossa Senhora de Fátima aos ombros”. Natural de Arco de Baúlhe, distrito de Braga, vem a pé nas peregrinações de maio e outubro e de carro sempre que um 12 ou 13 calha num fim de semana. Já levou o andor em duas dessas peregrinações, mas “o momento é sempre especial”.

“A primeira vez que peguei foi uma surpresa, mas depois, quando regresssei, ofereci-me logo como voluntário”, diz, ao

apontar para o lugar onde o grupo estava reunido, na saída da Colunata do lado norte, onde a reunião entre os que se voluntariam e os que são convidados acontece.

“É uma sensação única. O trajeto é pequeno e o andor pesado, mas a emoção é grande e parece que vamos nas nuvens”, descreve Abílio Pereira, que define cada peregrinação a Fátima como uma ida “ao colo da Mãe”.

“Sabe bem levar Nossa Senhora aos ombros, para o banquete da Eucaristia, em ação de graças pelas vezes que Ela me carrega, ao longo do ano”, confidencia, sem esconder o sorriso rasgado.

Um gesto de fé

Entre os muitos homens que vão carregar o andor há um ombro feminino. Maria

de Jesus veio de Sevilha em peregrinação ao Santuário de Fátima, com a possibilidade de assumir pela primeira vez esta função.

“Foi o instinto... Eu e uns familiares disponibilizámo-nos e aqui estamos todos, prontos para esta grande graça. Já me disseram que pesa muito, mas com fé tudo se consegue”, afirma, num misto de convicção e nervosismo.

“Espero conseguir carregá-la ao ombro, porque foi isso mesmo que também vim pedir: que Ela me ajude a suportar a cruz que carrego. Vim para não perder a fé. Este é, sem dúvida, um momento especial para agradecer a Nossa Senhora”.

No topo do Recinto de Oração, já perto do Altar, aguarda um grupo fardado dos Bombeiros de Viatodos, do concelho de Barcelos, que peregrinou à Cova da Iria já com a



intenção de poder transportar o andor de Nossa Senhora.

“Lá já costumamos levar o andor, nas procissões, mas aqui é a primeira vez”, refere Lino Sampaio, que, nesta estreia, vai assumir um dos percursos mais exigentes: a subida das escadas até ao altar.

“É um momento especial que ganha mais importância porque vimos como bombeiros”, diz, com o nervoso miudinho de quem sabe que o momento é seguido por muitos olhos. “Contamos uns com os outros para este caminho, mas, no final, a fé e Nossa Senhora vão ajudar-nos”, remata, confiante.

Oito ombros e uma multidão

O sino marca as 10h00 e o primeiro grupo de peregrinos contorna a Capelinha das Aparições já com o andor, mas ainda vazio. A imagem de Nossa Senhora está a ser retirada da redoma por dois Servitas, que a colocam no andor, para que seja venerada de perto pelos peregrinos, mas sempre com a atenção e o cuidado que exige este momento, lembra o Servita Lourenço de Oliveira, enumerando algumas das regras a considerar para garantir a segurança de quem transporta o andor e para salvaguardar a escultura centenária de Nossa Senhora.

“Os peregrinos nunca se devem aproximar do andor nem tentar tocar-lhe, sob o perigo de ele se desequilibrar ou de alguém tropeçar”, alerta.

Paulatinamente, o andor, já com a Imagem, segue o percurso habitual, dando a volta pelo lado direito do Recinto de Oração, até ao topo do Santuário e, dali, pelo corredor central até ao Altar. Do lado de fora, há peregrinos que acompanham o ritmo da passada daqueles que transportam a Imagem de Nossa Senhora... Ao ombro, são apenas oito que A carregam, mas, no coração, é uma multidão que A sustenta.

Bispo de Coimbra preside à Peregrinação Internacional Aniversária de agosto

Peregrinação reúne migrantes de todas as partes do mundo e é igualmente marcada pela tradicional oferta de trigo.

Cátia Filipe



D. Virgílio do Nascimento Antunes, bispo de Coimbra, estará em Fátima para presidir à Peregrinação Internacional Aniversária de agosto, que faz memória da quarta aparição de Nossa Senhora aos Três Pastorinhos.

D. Virgílio do Nascimento Antunes nasceu em São Mamede, Batalha, a 22 de setembro de 1961. Foi ordenado presbítero da diocese de Leiria-Fátima em 1985 e ordenado bispo em 2011, na Basílica da Santíssima Trindade, no Santuário de Fátima, instituição que dirigiu como reitor durante três anos. Em Leiria-Fátima, foi também formador e reitor do seminário diocesano.

A peregrinação de agosto tem a particularidade de in-

tegrar a Peregrinação Nacional dos Migrantes, no âmbito da 52.ª Semana Nacional das Migrações, durante a qual decorre a jornada de solidariedade que tem como tema central “Deus caminha com o seu povo”.

São muitos os emigrantes que, estando de férias em Portugal, acorrem nesta altura ao Santuário de Fátima, juntando-se a estes muitos outros migrantes de diferentes partes do mundo.

O programa das celebrações tem início às 21h30, com a recitação do rosário, na Capelinha das Aparições. Segue-se a procissão das velas e a celebração da Palavra, no Altar do Recinto de Oração. A imagem de Nossa Senhora de Fátima regressa, depois,

à Capelinha das Aparições na procissão do silêncio, seguindo-se uma vigília de oração.

O dia 13 de agosto começa com a procissão eucarística no Recinto de Oração, às 7h00, seguindo-se o rosário na Capelinha, às 9h00. A missa, com a bênção dos doentes e a procissão do adeus, encerra as celebrações desse dia.

Cumprindo uma tradição iniciada há 84 anos por um grupo de jovens da Juventude Agrária Católica de 17 paróquias da então diocese de Leiria, haverá a tradicional oferta de trigo. Ao longo do ano de 2023, foram oferecidos ao Santuário de Fátima 5635 quilos de trigo e 477 quilos de farinha.

AGENDA

agosto

13 ter	EVOCÇÃO DA QUEDA DO MURO DE BERLIM No final da procissão das velas, junto ao monumento
14 qua	VIGÍLIA DA ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA
15 qui	ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA – SOLENIDADE
16 sex	VEM PARA O MEIO Férias para pais de pessoas com deficiência – 4.ª semana
19 seg	ROSÁRIO E EVOCÇÃO DA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA NOS VALINHOS
24 sáb	VEM PARA O MEIO Férias para pais de pessoas com deficiência – 5.ª semana

setembro

3 ter	VEM PARA O MEIO Férias para pais de pessoas com deficiência – 6.ª semana
4 qua	VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “ROSARIUM: ALEGRIA E LUZ, DOR E GLÓRIA”
7 sáb	PRIMEIRO SÁBADO
8 dom	ENCONTROS NA BASÍLICA IV

“Escutar o bem no dia a dia”

Teólogo e professor, Pedro Valinho Gomes vive os dias entre telegramas orantes e a escuta atenta do bem que pode ser feito.

Diogo Carvalho Alves

Pedro Valinho Gomes, convidado do quinto episódio do *podcast* “ORA h”, já disponível no *Spotify*, *iTunes* e *YouTube*, vive atualmente na Bélgica e dá aulas em França. Entre 2012 e 2019 esteve no Santuário de Fátima, onde colaborou na Postulação da Causa de Canonização de Francisco e Jacinta Marto, participou na comissão de preparação do Centenário das Aparições de Fátima e coordenou o Departamento de Peregrinos.

Ainda antes, foi missionário em África, onde teve oportunidade de contactar com o lado festivo da oração: uma experiência que o levou a perceber que este “momento íntimo” pode ser partilhável e aberto ao outro.

Casado e pai de três filhos, reza em família: na escuta da Palavra, na partilha e ao som de música. O quotidiano agitado também é lugar de encontro com Deus, num contacto estabelecido por meio de “telegramas orantes” e na atenção do que possa ser o bem no dia a dia.

Neste episódio, Pedro Valinho Gomes fala também da dinâmica de confiança e gratidão que caracteriza a oração dos peregrinos em Fátima e da importância da oração num processo de canonização.

O “ORA h” é um *podcast* do Santuário de Fátima que, quinzenalmente, se propõe falar da oração como lugar de encontro privilegiado com Deus.